

Índice

Porta de entrada — ausências e lembranças	9
Bilhete de identidade ou passaporte ou prova de vida	
ou o que seja	15
Refúgio para sempre	20
Caminhos, caminhos, tínhamos ambas 34 anos...	24
O eterno regresso	28
«Os cumes das montanhas jamais são povoados»	30
Vivo na ilha — deixo para mais tarde este apontamento	34
Nasço	37
É preciso saber-se que nunca fui à escola	42
Fui crescendo	45
As não respostas	47
Aliás, eu ou ela ou eles ou elas ou estes ou outros	50
Sobre a floresta — ainda tenho mais alguma coisa para dizer	52
A minha religião	54
O meu nome — eu	58
Na floresta onde vivi, onde cresci	60
Ainda sobre a minha lembrança da infância	63
A fundação Marguerite Yourcenar	65
Um passeio na reserva natural do Mont Noir	67
O Château do Mont Noir	70
O que é que eu quero, realmente? «A inteligência, a simplicidade, a bondade, a justiça.»	74

Mas antes de eu crescer...	77
Lucy Kyriakos — 1903–1951	83
Volto aos papéis na grande caixa esquecida	87
Passeios inesquecíveis — um último capítulo ainda com sabor	
a Flandres antes de retomar a vida no Maine, Mount Desert	
Island, Estados Unidos	88
A solidão entre o céu e a terra	93
Um dia passado no Mount Desert, em nossa casa,	
Petite Plaisance, com pensamentos variados sobre a vida	101
Tempos tão distantes, anos, muitos anos em que tudo	
se transforma, a pedra, a água, a árvore, eu...	108
Na minha adolescência que é a vida toda. Quase toda...	
Não me interessa o que está mal. Interessa-me o que	
está bem e tudo o que possa estar melhor	112
Vagabundos de luxo ambos expulsos do mesmo paraíso	115
Mas, na verdade,	119
Todas as vidas são feitas de memórias, umas mais vivas, outras	
mais esbatidas,	121
Feminista? Eu?	123
A Segunda Guerra Mundial	125
Viagens — onde começam e onde acabam as palavras	132
O fim da vida dela	135
1979 — o ano estranho	137
Eu e Jerry Wilson — amor e morte	139
Também eu morro	146
Aproximas-te, ó morte eterna...	147
No cemitério de Brookside, Mount Desert, Maine, EUA	150

POR TA DE ENTRADA

AUSÊNCIAS E LEMBRANÇAS

Faz com que escreva ou não escreva. Pretendo invocar um qualquer tom de cinzas ou a ruga permanente desse olhar, sob as pálpebras. Ou ainda sobre a aspereza ou a maciez, a rugosidade da pele das mãos. Faz com que escreva e descreva o lenço a cobrir o cabelo, a cabeça. A proteger-te de algum frio que possa existir. Ou sobre as roupas que usas, o comprimento da saia ou o desbotado da gabardine, a ausência de quase tudo. Também posso escrever sobre os passeios que vais dando ao longo do lago. Conheço os passos que dás sobre as pedrinhas e sobre as folhas caídas nos caminhos.

Conheço-te algum pensamento.

Também gostava que soubesses que consigo escrever sobre o trotar do teu cão. E consigo escrever sobre a casa onde vives, de onde vês o lago e onde sentes todas as aragens e prevês todas as névoas. Percebi que ouves os rouxinóis das madrugadas. Sei muito bem que os ouves quando as manhãs se aproximam, todos, todos os dias.

Inquestionável inteligência. Nada mais sedutor do que essa transbordante inteligência.

Assim, sem atavios nem enfeites.

Salut!

Je reviens.

I'm your friend and I'm back.

*

E ao conhecer as suas pequenas manias, os seus costumes, o levantar ou o deitar, pretendo escrever sobre ti, sobre si, da maneira mais simplificada possível para que todas as pessoas te conheçam.

Para sempre.

Este livro não pretende, de modo nenhum, constituir um repositório de grandiosas análises psicológicas, nem de minúcias curiosas, nem sequer desvendar pequenos mistérios sobre a tua vida, desses atrativos muito pitorescos que poucos conhecem. Eu, enquanto escritora deste livro no género — romance biográfico — e a exemplo de vários que já escrevi sobre outros monumentos humanos, desejo, apenas, revelar e fazer sentir, a todos quantos vierem a ler estas linhas, que existiu uma pessoa, uma mulher muito, muito inteligente e com uma vida terrena absolutamente irresistível, invulgar. Para quem gosta de seres inteiramente dedicados à cultura, nas suas inúmeras vertentes, desde o olhar de amor infinito que se dedica a um animal ou a uma árvore, até ao desenhar das letras, as quais formam linhas estreitas que costumam desaguar em certos objetos, os livros.

Apenas desejo apresentar-te. Exististe. Existes.

Porque, como sabes, muita gente te conhece e muita gente não conhece.

Continuo.

Para qualquer pessoa, as memórias fazem parte de um todo da sua existência. Os animais também têm memória. Nós, os racionais, também temos e muito particularizada, muito minuciosa. Essa luz varre-nos, por vezes, a incompreensível vastidão do pensamento, inunda o nosso olhar, enche-nos de qualquer esperança, de uma qualquer felicidade que não sei descrever. Alguma memória, ainda que muito indistinta e irreconhecível em certas alturas, num momento, num átomo de segundo, pode condicionar toda a nossa atuação futura, orientar atitudes e comportamentos... Lembramo-nos das nossas próprias aventuras da vida, a mais longínqua, tão longe!, visões já perdidas nas brumas do imponderável universo, mas que aconteceram! Todos sentimos e temos essas visões lá por detrás das

pálpebras, mas não as conseguimos explicar com inteligência, conhecimento e coerência. Somos, apenas, humanos cheios de visões e de lembranças.

Retomo, agora, uma justificação sobre este livro que me parece evidente. Mesmo assim, repiso a ideia.

Não é uma biografia, não é um romance histórico.

Invoco, agora, toda a minha modéstia; lembro-me do imenso Stefan Zweig e do seu romance sobre Montaigne. Num tão curto número de páginas, o que poderá conter um livro tão pequeno sobre tão grandiosa personagem? Contém informação inaugural, primordial; é um curto romance biográfico que dá a conhecer a um longo espaço público uma figura histórica de pensamento universal, como todos os pensamentos, é certo, mas este está descrito e é por estar escrito que exibe singularidades.

O que se pretende, o que eu pretendo, é dar a conhecer alguns pormenores menos visíveis do seu dia a dia, formas, o olhar, o caminhar, um quotidiano de todas as calmas, desejavelmente as mais apaziguadoras sobre um pensamento sempre, sempre interrogativo e observador. Principalmente a sua infância. Infância e tenra adolescência. Foi com este propósito que viajei até às suas paragens iniciais, a Flandres, no norte de França, fronteira com a Bélgica. Aqui visitei, em inícios de outubro de 2024, florestas, montes e parques naturais; visitei o sítio onde um dia foi construído e levantado o famoso Château, morada dos seus ancestrais paternos; aqui percorri caminhos, vilas, cidades e, nas cidades, locais de paragem obrigatória, por exemplo a antiquíssima Casa Méert, na Rue Esquermoise na cidade de Lille, famosíssima doçaria em atividade, fundada em 1677 e que Marguerite toda a sua vida frequentou para se deliciar com as *gaufres*, bolachinhas originais de paladar perfeito. Ou não fosse ela uma pessoa de gostos e atitudes requintadíssimas.

Nos invernos da sua infância, quase todos passados em Lille na casa dos antepassados paternos, as *gaufres* estavam sempre presentes nas sobremesas dos apurados, famosos jantares que a avó organizava.

Nos dias de hoje existe a Gaufre Marguerite Yourcenar criada em sua honra na Casa Méert, adornada com as bagas vermelhas selvagens de que ela gostava tanto.

Escrevo sobre Marguerite Yourcenar.

Vou dizendo tudo o que me lembro, tudo o que conheci sobre a sua vida. As pessoas por quem se apaixonou e foram várias; a verdadeira dedicação às causas primordiais da Humanidade, o amor intenso pelos animais, a tentativa de compreensão por tudo o que se relaciona com a natureza propriamente dita. E o conhecimento curioso e apaixonado de alguma História da Humanidade.

Alguns dos muitos prazeres da sua vida foram, por exemplo, as inúmeras viagens organizadas, as primeiras, pelo adorado pai, e depois sempre com os seus amantes e amizades, homens ou mulheres. Visitou, conheceu e também se apaixonou por outras vidas e paisagens, por outras realidades. Tudo seria transformado em palavras que se tornaram eternas, sem sombreados nem equívocos. Palavras da sua própria vida transformada por sentimentos incompreensíveis, convertidas em personagens inesquecíveis como Adriano ou Alexis ou Zenão tornados em verdadeiras alucinações, visões da sua própria personalidade — como trata, de facto, a grande literatura — onde tudo se aceita sem reservas e tudo o mais perdoa. O filme da sua vida iria ser rodado em várias tonalidades e começava pelo melhor, os alegres, os mais ridentes anos de toda a criação: a sua própria criação, um desenvolvimento intelectual e, principalmente, espiritual, de intensa observação, meditação, conclusão.

O pensamento existe. A estética da linguagem também existe. O ideal também existe. As histórias existem. Os livros existem. A pessoa existe e a pessoa é a interrogação.

Contudo, nada é claro nem eterno. O que estava apaziguado no espírito sempre inquieto de Marguerite, tão infinitamente misteriosa Marguerite, viria a despontar ainda uma outra vez, já depois dos 80 anos, já depois da morte de Grace.

Quem era Grace?

Marguerite e Grace conheceram-se e apaixonaram-se. Viveram juntas e construíram um futuro acolhedor na busca do conforto intelectual que em ambas era visível. Uma vida em conjunto sem intervalos, por mais de 40 anos.

Veremos o que aconteceu.